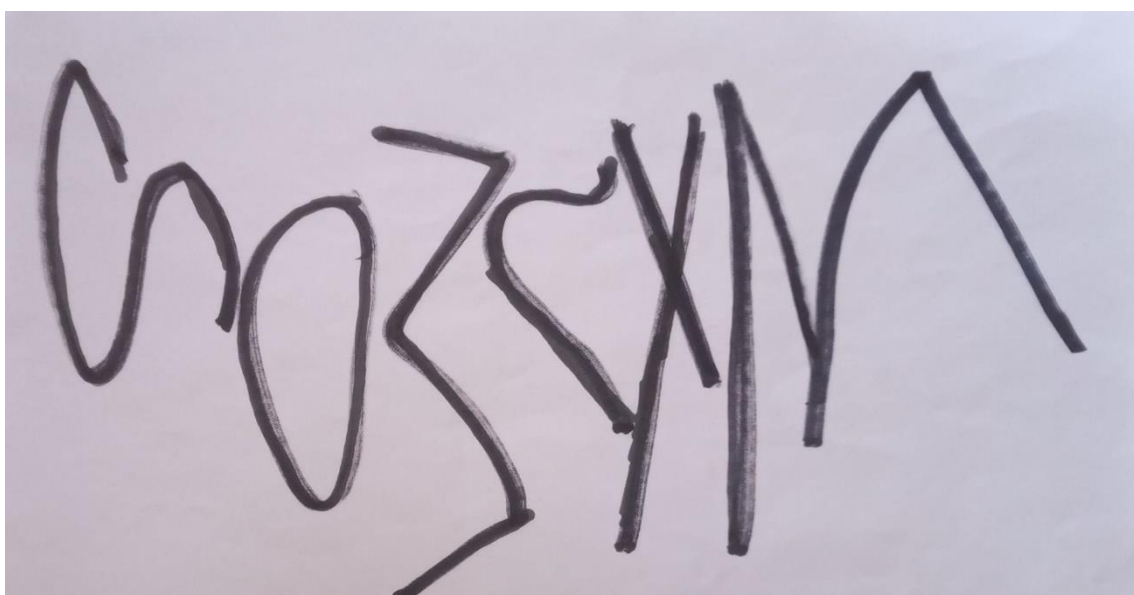


Fausto Antonio

Ideopatuagramas



Galileu Edições

Fausto Antonio

Ideopatuagramas



Galileu Edições

Londrina, 2022

Palavras esculpidas e carimbos imagéticos

A África, entendida e historicizada a partir dos países e lugares, é o ponto de partida e o território brasileiro; quadro de vida de milhões de negros e negras de origem africana, é o ponto de encruzilhamento dos patuás, dos patuás de palavras e dos ideopatuagramas.

Fontes milenares e referências indispensáveis, no que toca à conceituação dos ideogramas, são os hieróglifos egípcios, cujas palavras são esculpidas e, por igual importância, o são também as produções dos povos Akan, no mosaico imagético adinkra (NASCIMENTO, 2009). Aqui me atenho apenas às heranças negras e africanas para delimitar uma relação de continuidade e/ou de descontinuidade, que será central na conceituação dos patuás de palavras. É por força dessa herança, carimbo imagético e filosófico, que exaltamos o povo Akam, que vive e transita, nos dias atuais, pelos territórios de Gana e Costa do Marfim. As habilidades no processo da tecelagem é uma marca Akan. Os tecidos Adinkra, pano africano impresso, é portador de signos e veículo de uma língua ou linguagem de sinais, imagens e filosofias carimbadas. O tecido Adinkra, mais do que um recurso decorativo, é uma língua imagética, viva, vivida pela realidade local e revivida pelos espaços transitados pelos povos ancestralmente vinculados à herança negra-africana. É desse emaranhado que surgem os patuás de palavras e, deles, como tessitura e ressonância, os ideopatuagramas.

O que são, então, ideopatuagramas?

A compreensão dos ideopatuagramas passa antes, ou melhor, também e igualmente, pelo entendimento do significado, sempre movediço e plástico, dos patuás de palavras.

Patuás de palavras são teias e/ou emaranhados de palavras esculpidas. Talhadas e objetificadas, como extensão corpórea, pelo verbo, hálito e sopro ancestral. Podemos, de modo complementar, nos referir aos patuás enfatizando que são palavras mágicas, encantadas e de proteção-ataque.

Agadá Aratam Baobá (ANTONIO, 2018), palavras mágicas presentes no livro *No Reino da Carapinha*, ilustram e nos ensinam a respeito do valor e sentido patualístico, que no exemplo vertente abre passagem ou o portal para outros ou outro mundo. A mesma função está assegurada pelas palavras mágicas, diaspóricamente estabilizadas, pelo sopro mágico samba liz fiz jazz (ANTONIO, 2020).

Agadá Aratam Baobá

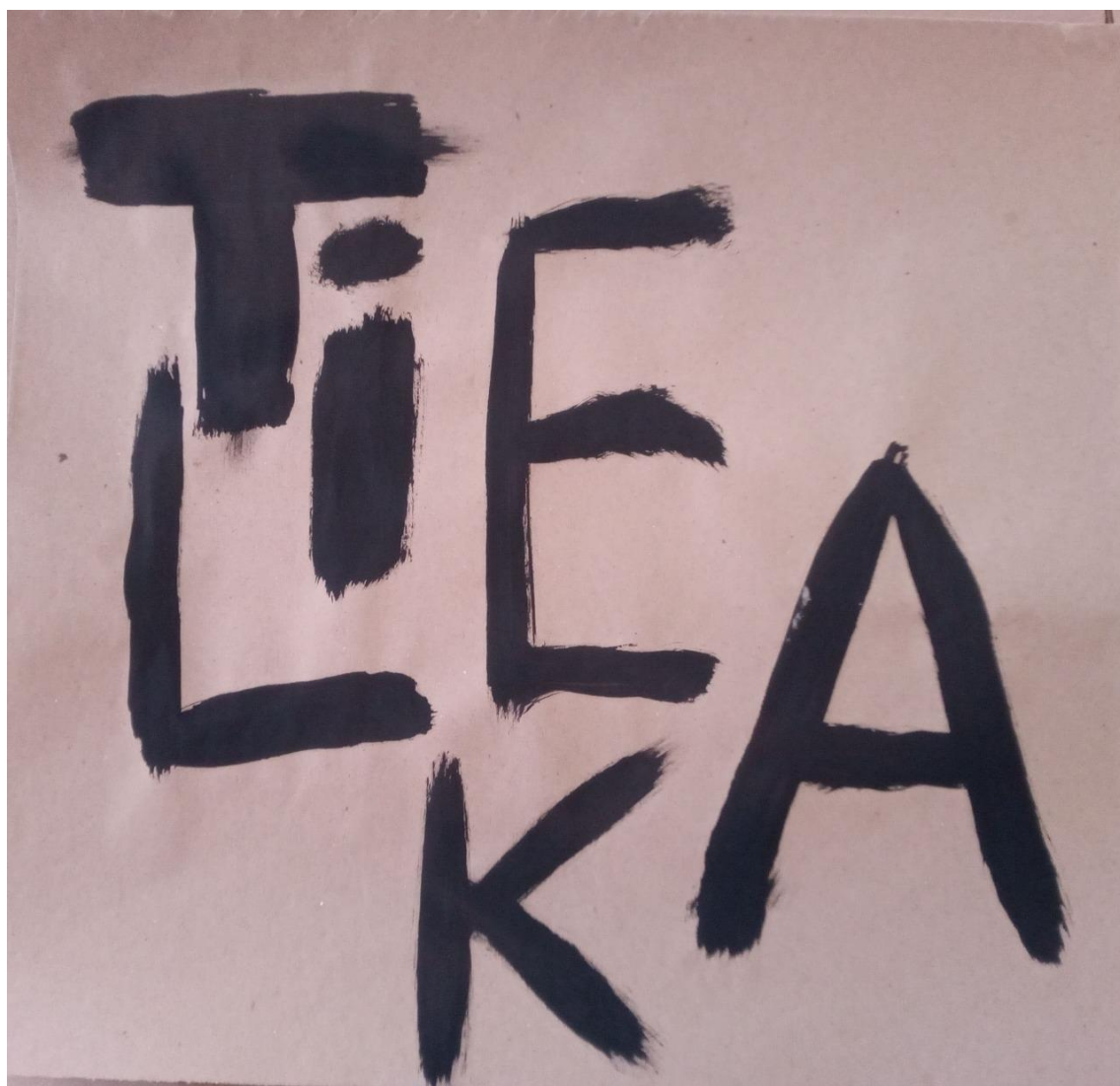


Samba Liz Fiz Jazz



Podemos dizer o mesmo da palavra encantatória Tileka, cuja energia alenta e/ou energiza o corpo para vencer os limites temporais e espaciais. No domínio patualístico, no livro *No Reino da Carapinha*, é a palavra Tileka, carga sonora e força mágica (ANTONIO ,2018), aqui está assentada como carimbo imagético.

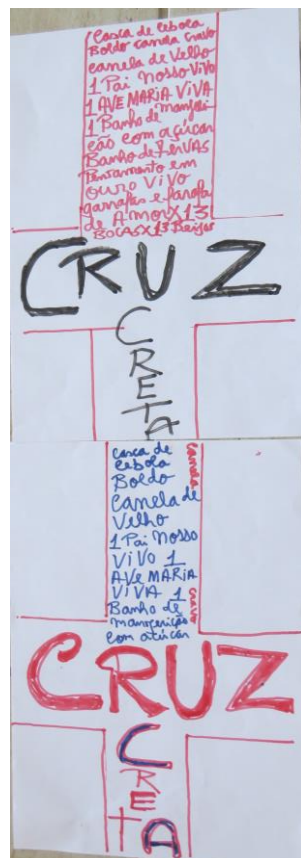
Tileka



Sendo assim, a palavra patualizada realiza a tessitura entre os espaços seculares e os transcendentais. A propósito de palavras patualizadas e de trânsito, a encruzilhada é uma palavra

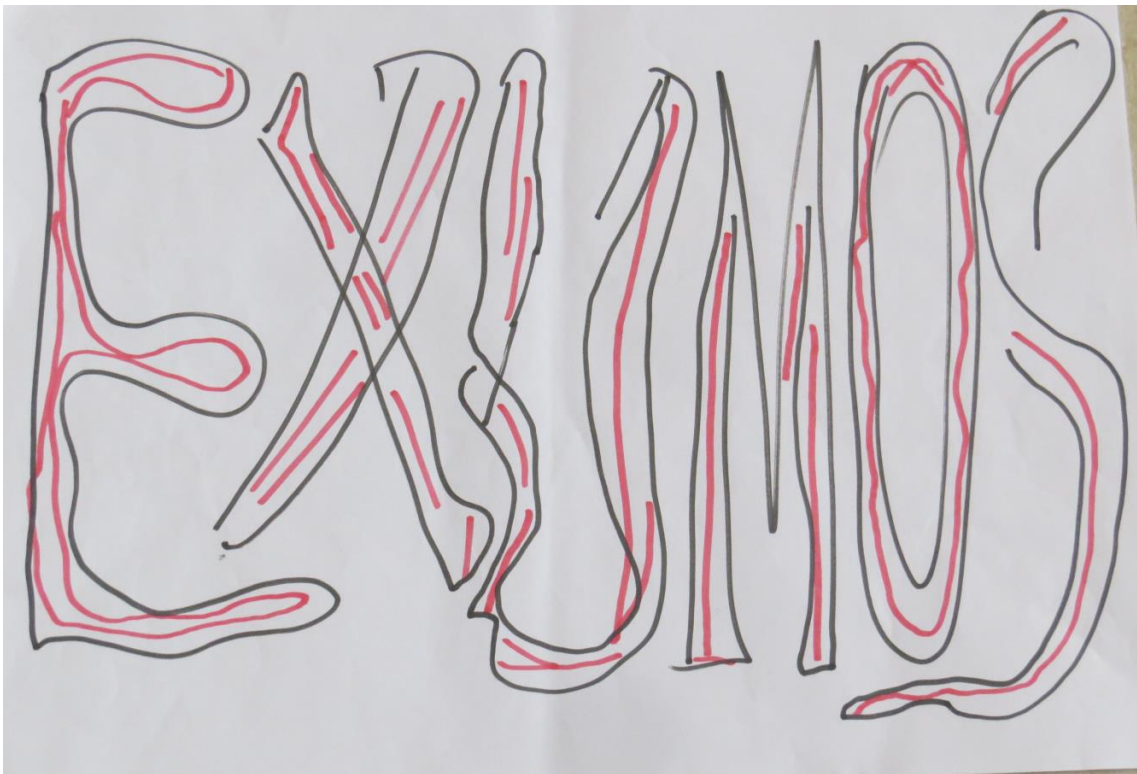
profundamente patualizada pelo sistema cultural negro-brasileiro. De imediato, a encruzilhada é um portal ou ponto de passagem e/ou de intersecção; tubo cósmico, entre o espaço com limites, o mundo secular; o ayiê, com o espaço sem limites; o orun. No entanto, o uso patualizado, estabilizado pelo sistema cultural negro-brasileiro e notadamente pelos sistemas religiosos, filosóficos e científicos da umbanda, candomblé e manifestações assemelhadas, passa pela palavra, pelo lugar e, na mesma tessitura, pelos múltiplos significantes e significados. A propósito de significantes e significados, é bem útil e pedagógico o lugar ocupado pela encruzilhada no poema Cruz - Creta (ANTONIO, 2019 b), que se impõe pelo significante; o lugar, e pelo significado, a encruzilhada como lugar de escolhas, caminhos, ordem ou desordem no sentido de circulação. Sobretudo, a encruzilhada é lugar do pacto, do acordo e, portanto, das trocas.

Cruz – Creta



Na patualização dada pela palavra Exumos, o significante é o umbigo; lugar, ícone da encruzilhada, e o significado é o momento inaugural da existência (COELHO,1996, 2013).

Exumos



Vale destacar ,outra vez, que os patuás são estabilizações e, no que concerne aos Exumos, a patualização se dá no e com o romance homônimo; o que significa dizer que o patuá é produto de uma autoria e coautoria; recepção(ANTONIO, 2019a) , patualísticamente dada ou historicizada.

Patuás realizam as transposições e transições, além do plano físico, a que denominamos ressonância (ANTONIO, 2017 b), que possibilita a troca ou o equilíbrio das trocas, que são multiplicadas pelo patuá. Derivada dessa natureza restitutiva, patuás protegem, energizam e

canalizam propriedades múltiplas de ordem estética, curativa, comunicativa e de estado de consciência.

Em parte, realizei e idealizei o livro, concernente ao gênero patuá de palavras (ANTONIO, 2019 b), a partir do aproveitamento de palavras patualizadas no conjunto da minha obra literária. A palavra Exumos, título do romance homônimo, avulta como o primeiro exercício patualístico da minha produção literária. Na mesma senda, há o vocábulo ou palavra de passe Si Ori, título de um conto publicado pela coletânea Cadernos Negros (ANTONIO, 2001) e pelo livro Vinte anos de prosa (ANTONIO, 2006) e ressignificado, no livro No Reino da Carapinha (ANTONIO, 2018) , como objeto e/ou palavra escultural.

Si Ori (Versão 01)



Si Ori (Versão 02)



Ainda no livro infantil, No Reino da Carapinha, há as palavras patualizadas Tileka e Agadá Aratam Baobá, que funcionam como abracadabra ou palavras mágicas. Investidas de valor objetual, escultural e de ressonância entre mundos, as palavras patualizadas são, numa síntese, aquelas imantadas pela força original, cujo valor extrapola o simples significado.

Há em estado de comunicação, no gênero patuá, apenas as palavras mágicas ou tornadas mágicas pela capacidade inerente e agregada pelo passado imemorial de passe, trânsito e circulação. Elas servem para a abertura de portais e de estado de consciência objetual. Decorre desse entrelugar, ocupado pela palavra perdida, ou melhor, esquecida e/ou adormecida na origem, a volta ou o retorno ao momento inaugural, que é a caverna, o útero e/ou o sopro da palavra mágica e das demais palavras sagradas que dela se apartaram no imemorial ou ancestral passado.

Palavra esquecida



Patuá de palavras, o(in) verso negro, foi e é, como o conjunto da minha obra literária, uma volta à cena original e/ou ancestral. No trabalho em pauta, as ressonâncias derivadas da cosmogonia negro-brasileira foram, nos poemas, esculpidas e alojadas no espaço e no lugar; o que concretizou a socioespacialidade poética do gênero patuá de palavras. A volta à mãe, ao útero, ao paraíso ou à boca de urina, ao Descalvado, à Vaníssima, ao Oduvelar, à palavra Assomada e aos Exumos constituem, entre muitos outros patuás da minha produção literária, momentos nos quais há o encontro com a palavra ou com as palavras patualizadas ou tornadas entidades vivas. Patuás pedem ou exigem, na relação e criação, a ambiência enunciativa tecida por palavras vivas. O patuá tem dimensão sagrada, que é a relação com a energia que, com a palavra ou nela, cria outras realidades e as destrói igualmente. Retornar e depois esculpir é uma forma de apropriação de uma propriedade perdida, a rigor, esquecida nas origens; não é o simples retorno à boca-mãe. O lugar demarcado pelo retorno, o paraíso, o útero, ganha carga, conteúdo e valor restitutivo ancestral. Numa outra síntese, a cena original adentra o cotidiano e dá, ao tempo, o trânsito contido do presente, passado e futuro.

O retorno à origem, por equivalência ao verso, que é retorno rítmico espacializado, é a força motriz do romance *Exumos* e da prosa poética desenvolvida pelos textos *Vaníssima Senhora* e *Descalvado* (ANTONIO, 2006). A origem, boca-útero, está presente e de modo recorrente é pluriversalizada pelos meus livros, que transitam pelos gêneros romance, conto, poesia, teatro, crônicas e cartas.

O livro *Patuá de palavras, o inverso negro*, editado pela Galileu, 2019, apresenta poemas para o suporte galeria, livro e discute as especificidades estéticas dos poemas discursivos e livresco e, na mesma equação, os concebidos para as leituras visuais e, sobretudo, o contato, relação objetual, manipulação e intersecção impulsionadas pelas propriedade e acuidades visuais, auditivas e tácteis.

Patuá de palavras, o (in)verso negro, se inscreve, além da configuração mais ampla de poemas discursivos e/ou livrescos e visuais e/ou concretos, no rol ou categoria de gênero textual patualístico.

A noção de patuá de palavras ficará doravante estabilizada; mesmo que parcialmente, como uma tipologia textual. É na categoria de tipologia textual que se insere o conjunto de poemas, com a pretensão de palavras esculpidas e patualizadas, do livro *Ideopatuagramas*. As noções estabilizadoras do gênero virão dos exercícios e fabulações ou criações existentes e persistentes no conjunto da minha obra literária e artística, que é, a rigor, meio para negritar a dimensão escultural da minha produção estética. O escultural transita pela cena original e, por tal incursão, esculpe imagens deslumbradas das palavras esquecidas ou adormecidas no imemorial dos tempos. As palavras patualizadas, é uma noção recolhida das referências previamente ressonadas (ANTONIO, 2017b) pelas palavras imantadas, são milenarmente evocadas e invocadas pelos registros imemoriais e/ou ancestrais negro-brasileiros (ANTONIO, 2017a).

O trabalho poético central, para entender o gênero ideopatuagramas e as suas criações, é o livro *Patuá de palavras, o (in)verso negro* (ANTONIO, 2019). No livro em destaque, o gênero ideopatuagramas estava presente e ficou delimitado e soando, de modo subjacente, nas entrelinhas do patuá.

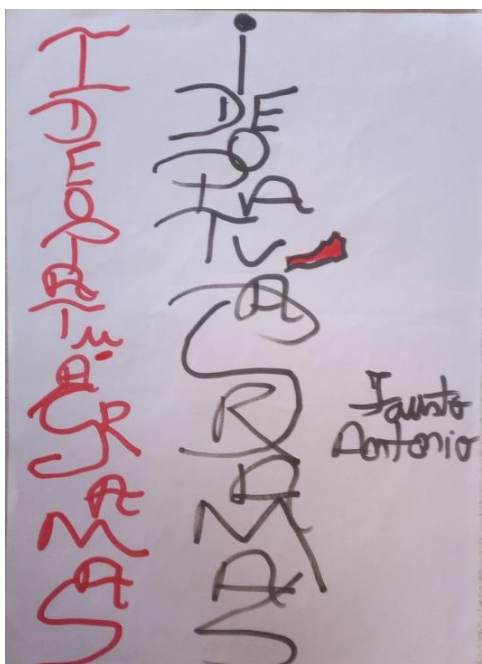
O patuá de palavras, o (in) verso negro, explica a origem e a história desse gênero no conjunto de uma produção artística, que dele se utiliza na constituição de outros gêneros. Nesse livro, além de

sustentar uma inspiração patualística, enuncio as marcas ou os registros dessas patualizações nos romances, contos, poemas e teatro. Ideopatuagramas são, semelhantes às marcas fixadas nas cavernas, um fio condutor para outras inscrições mais profundas. Pode-se dizer que eles transbordam e, nesse espraio, eles se servem, para isso, das estabilizações dinamizadas pelas inscrições ou uso recorrente. No que diz respeito ao uso recorrente ou o que se constitui numa estabilização, nos ideopatuagramas merece alusão e destaque a palavra arquivo, memória e arma denominada matraca que, no uso ou no pacto como signo verbal; matracar, enredar, fofocar, falar, comunicar e nominal; matraca, objeto, instrumento musical e arma, enuncia um potente e dinâmico patuá.

A disposição e organização do livro Ideopatuagramas

Carimbos, palavras esculpidas e ideopatuagramas abordam conceitos e registram passagens, referências e produções patualizadas presentes no conjunto da minha trajetória e obras literárias. No processo conjunto, as patualizações contextualizam um percurso desse gênero; os ideopatuagramas e os patuás de palavras, indexados nos demais gêneros literários; a saber, romance, conto, poema e texto dramático, que compõem a somatória do meu fazer artístico-literário. Em seguida, na consubstanciação do livro, a disposição editorial apresenta os ideopatuagramas. A organização do livro obedeceu a seguinte ordem: Ideopatuagramas, Sopro Mágico, Palavra Esquecida, Gera Sol Negro e Patuá (in) verso. Além dos patuás de palavras e dos ideopatuagramas, na parte final da edição há um conjunto de poemas concebidos para o suporte livro e cujo título, Patuá (in) verso, é um meio para efetivar a relação entre os patuás de palavras selados pelos registros imagéticos e os discursivos. Os registros imagéticos e os discursivos são constructos para a empiricização dos ideopatuagramas.

Os ideopatuagramas, na mesma lógica do patuá de palavras, são gêneros textuais estabilizados pelos meus textos em prosa e verso. Dentro desses limites patualísticos, leitoras e leitores, eles possibilitam um diálogo com o todo e com as partes que compõem a minha produção poética e ficcional.



I
D
E
D
A
U
A
S
(GRAMA)

Fausto
Antonio

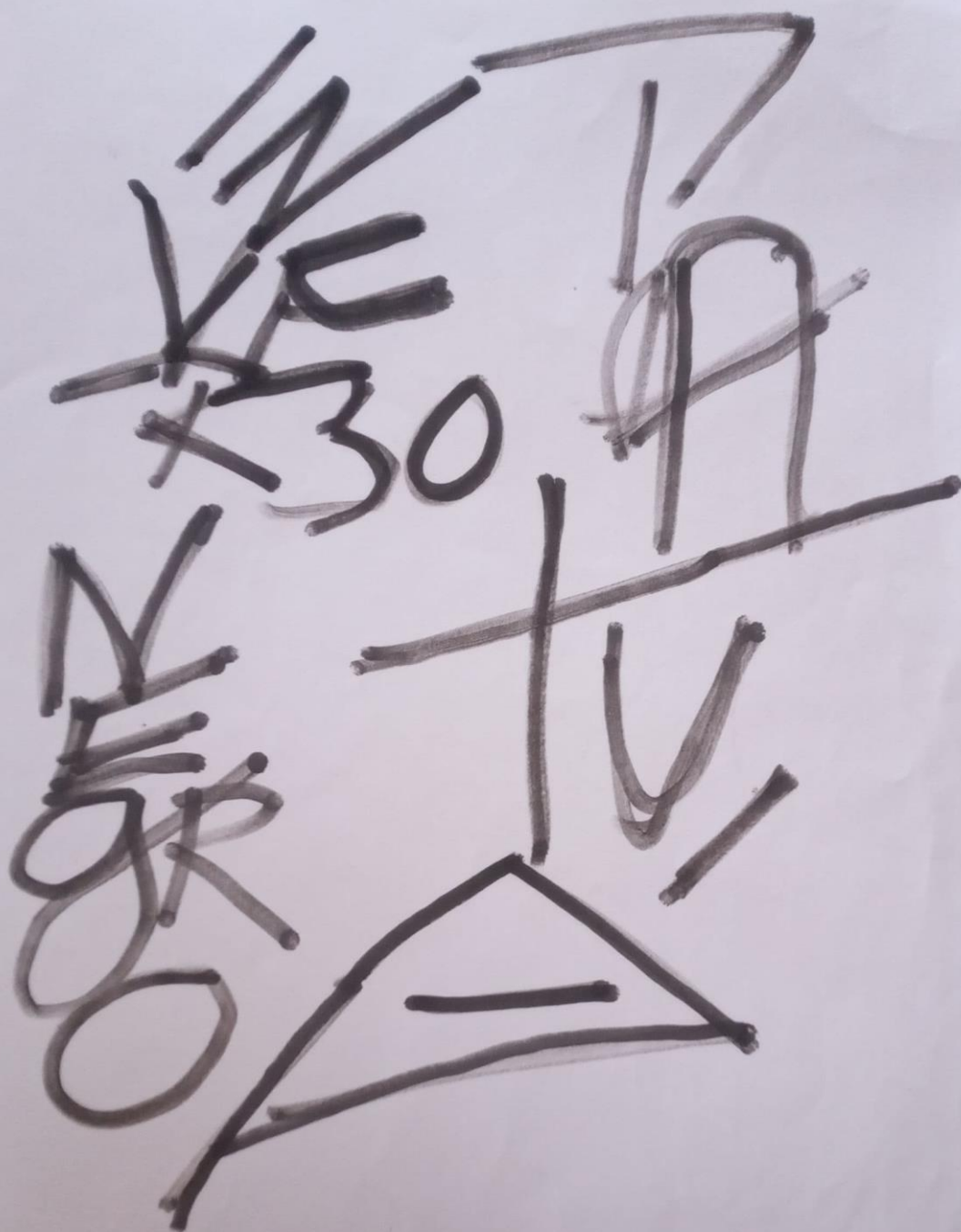
Fausto Antonio

UXVMOS

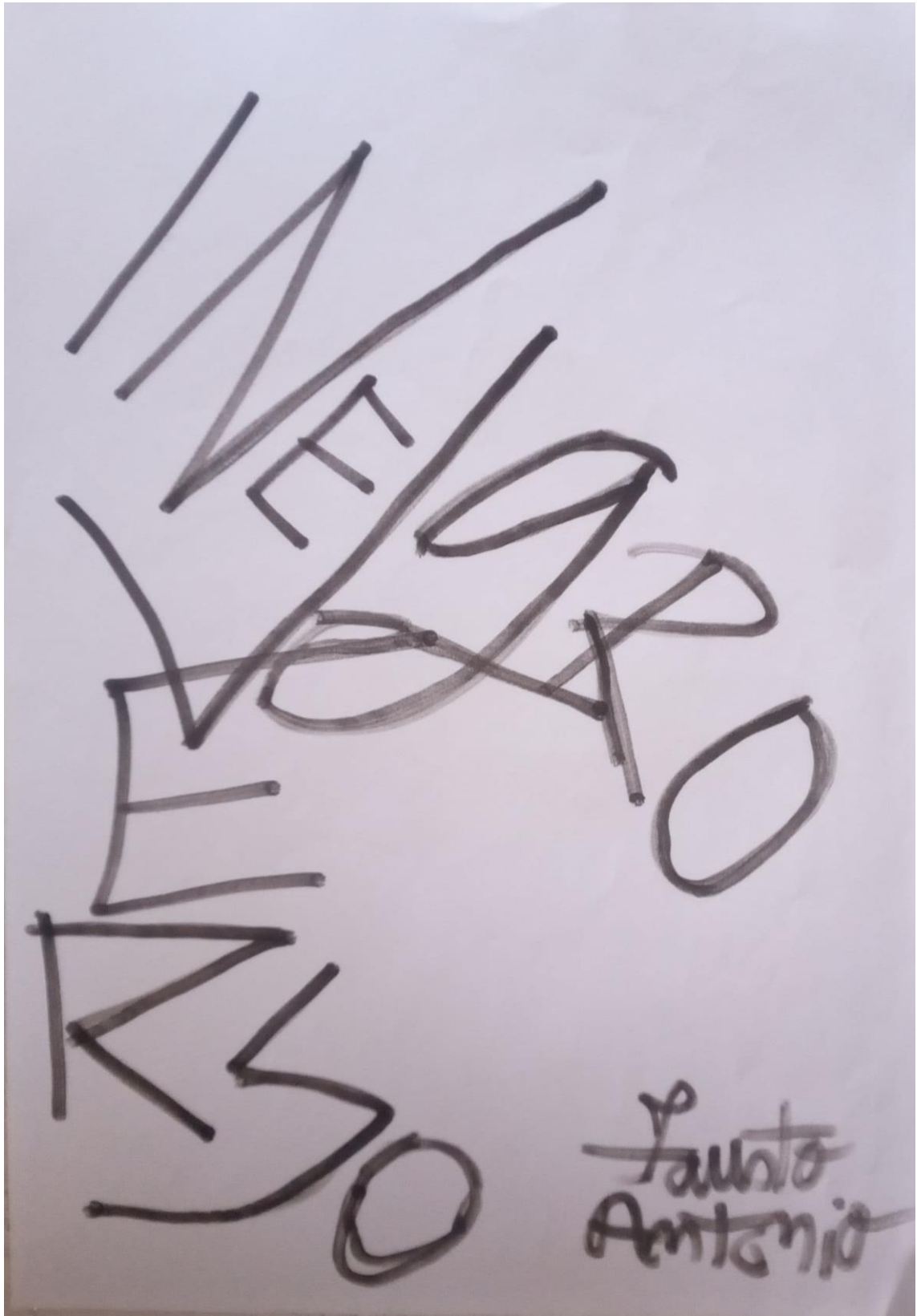
3
X
U
M
O
S

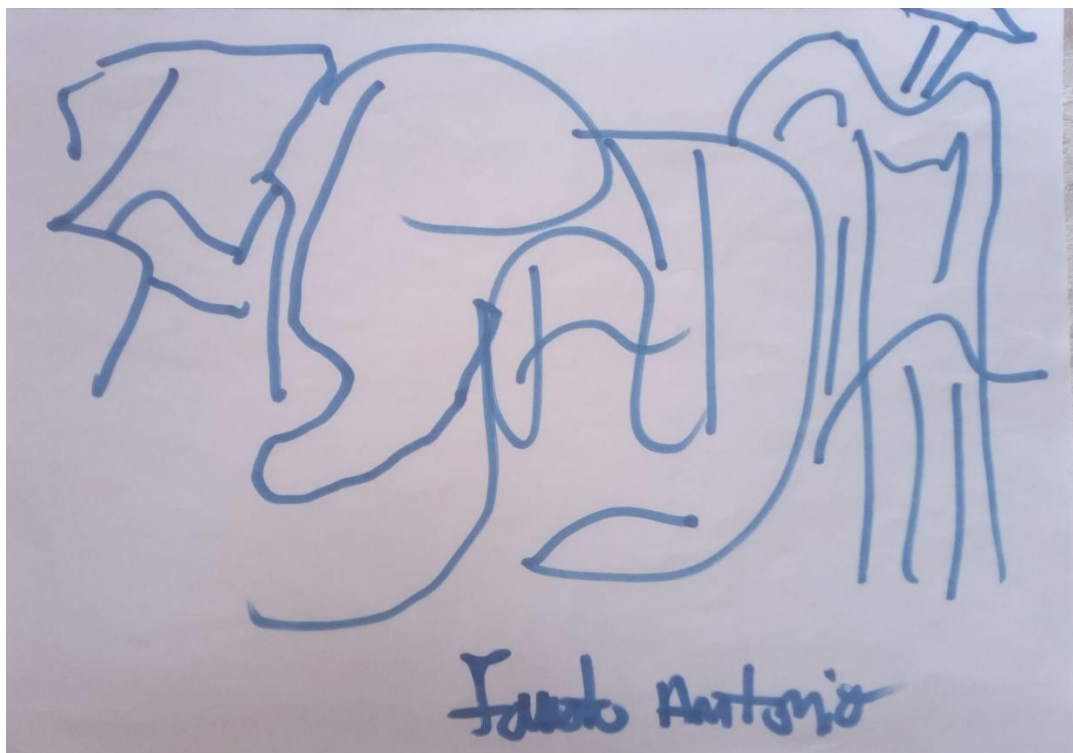
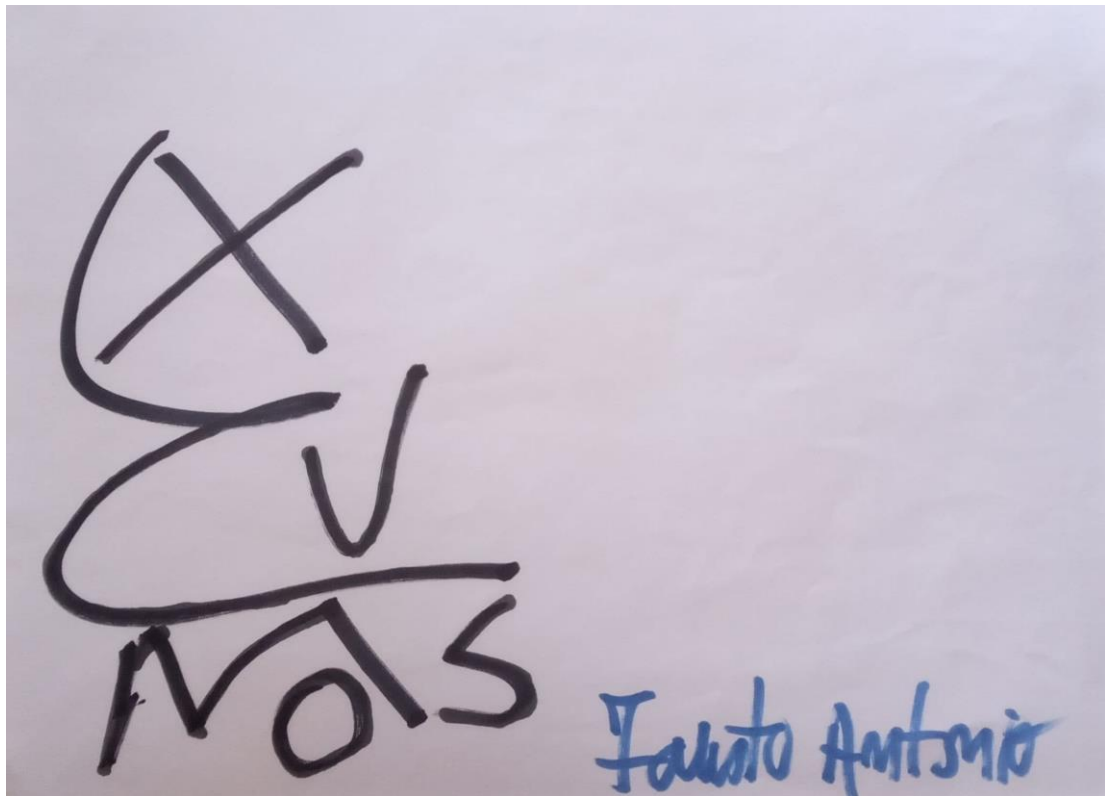
FLUVA
DE LAZAVAS

Santo Antonio



Jausto Antonio





no3XM

Fausto Antonio

Fausto Antonio

no3XM

Fausto Antonio

XTIMOS

Fausto Antonio

XTIMOS

Fausto Antonio

Fausto Antonio

ARTES

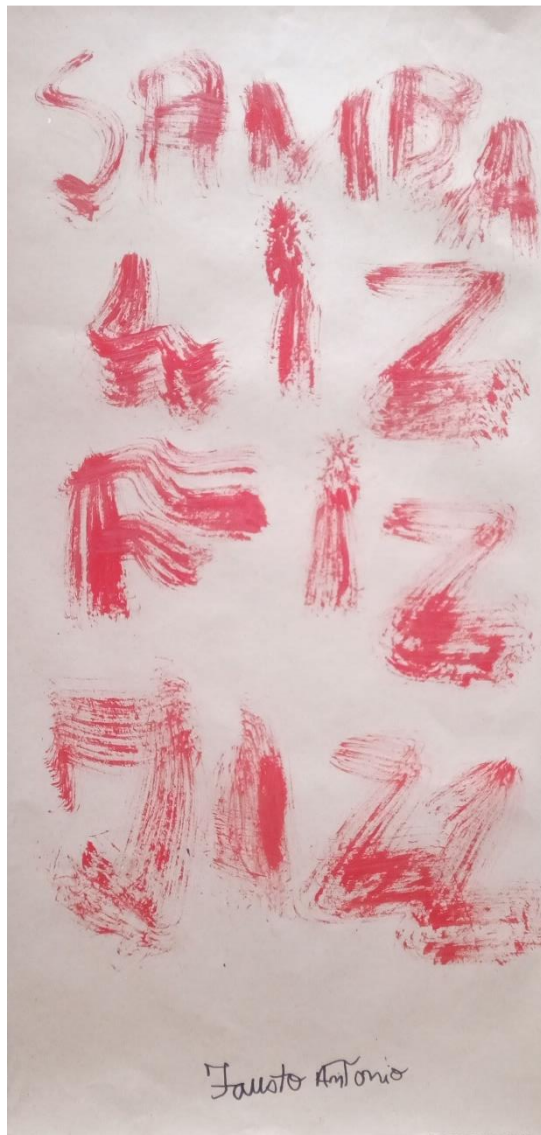
ANES
HIS

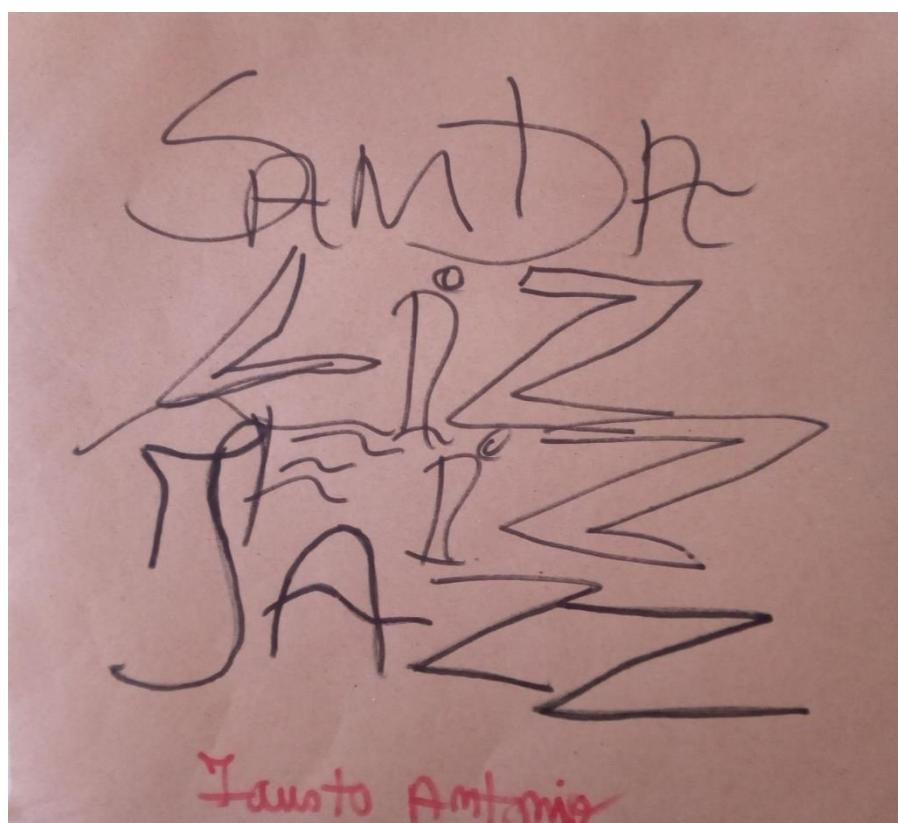
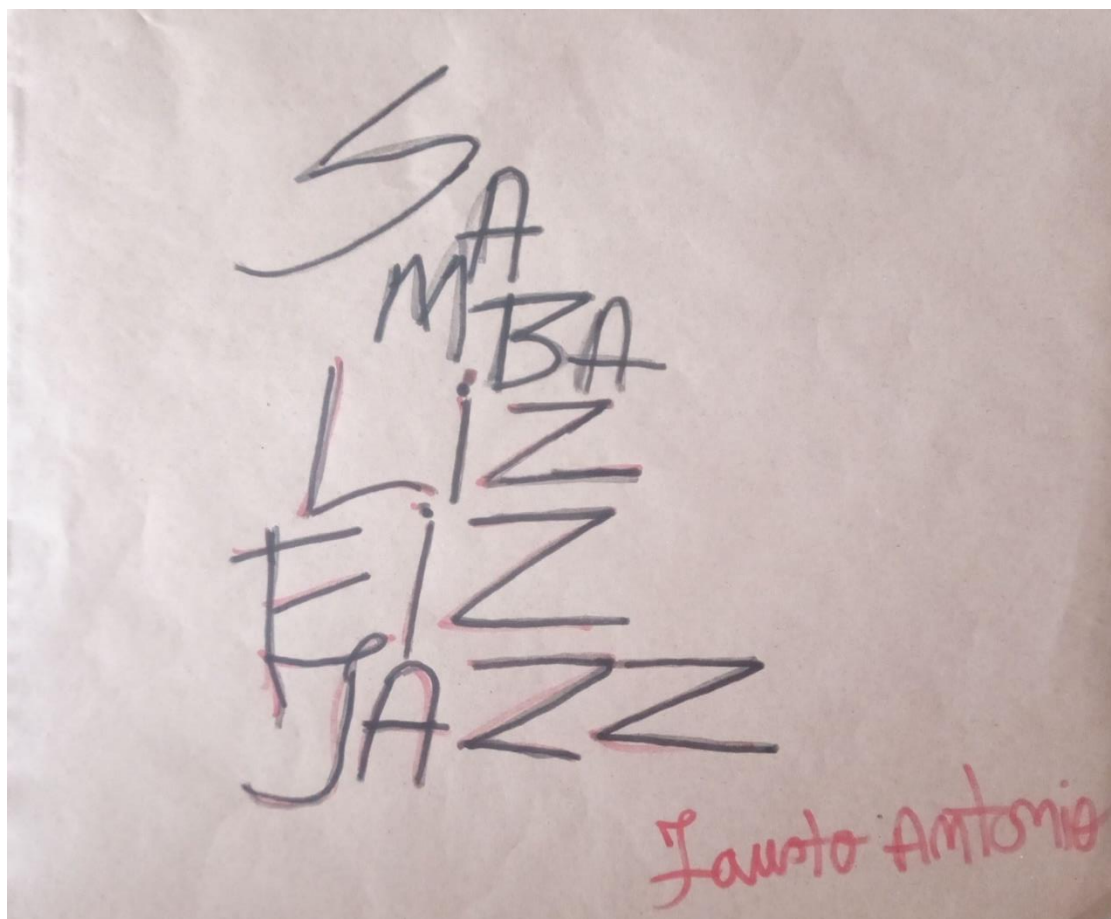
MA|RACAS

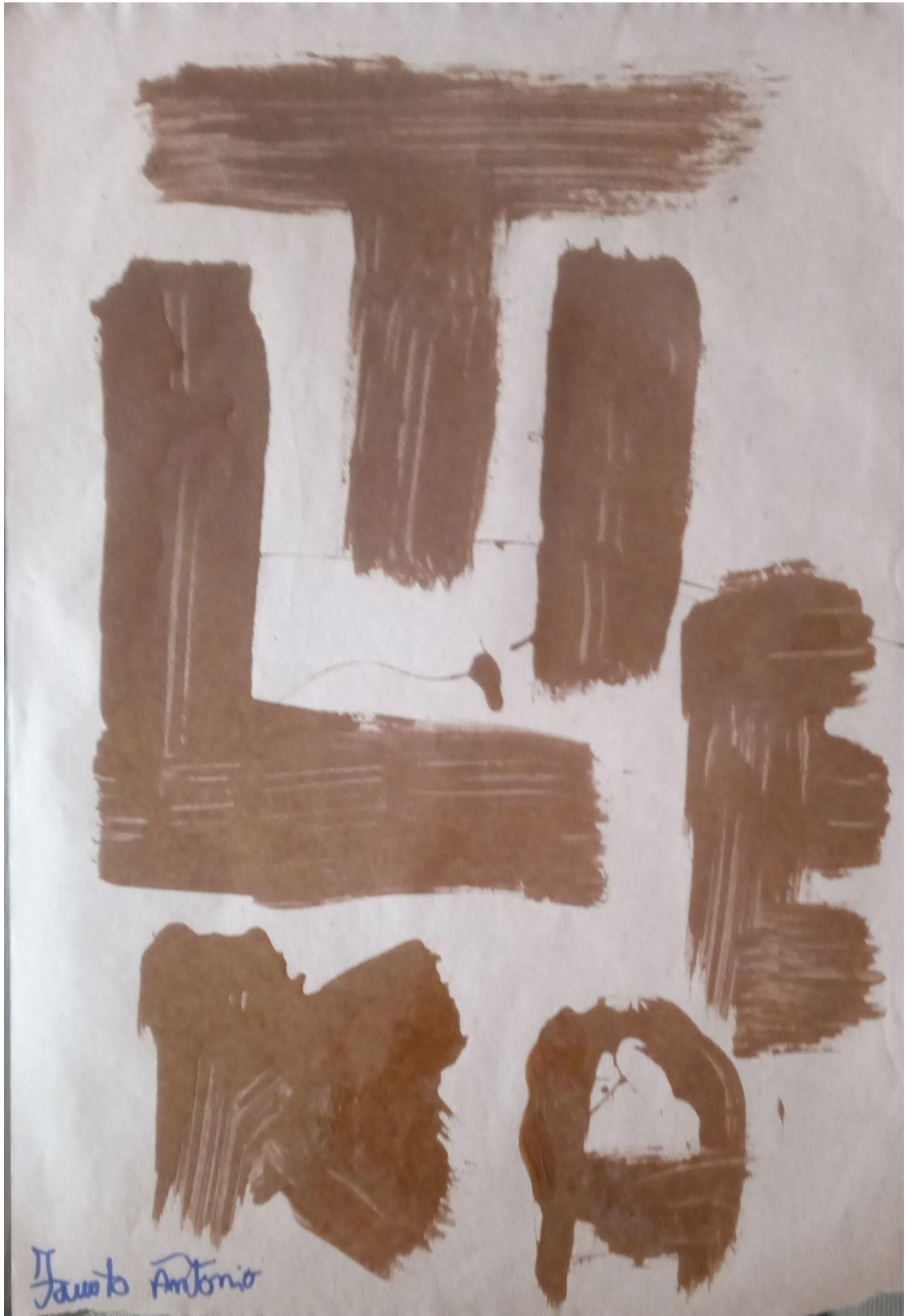


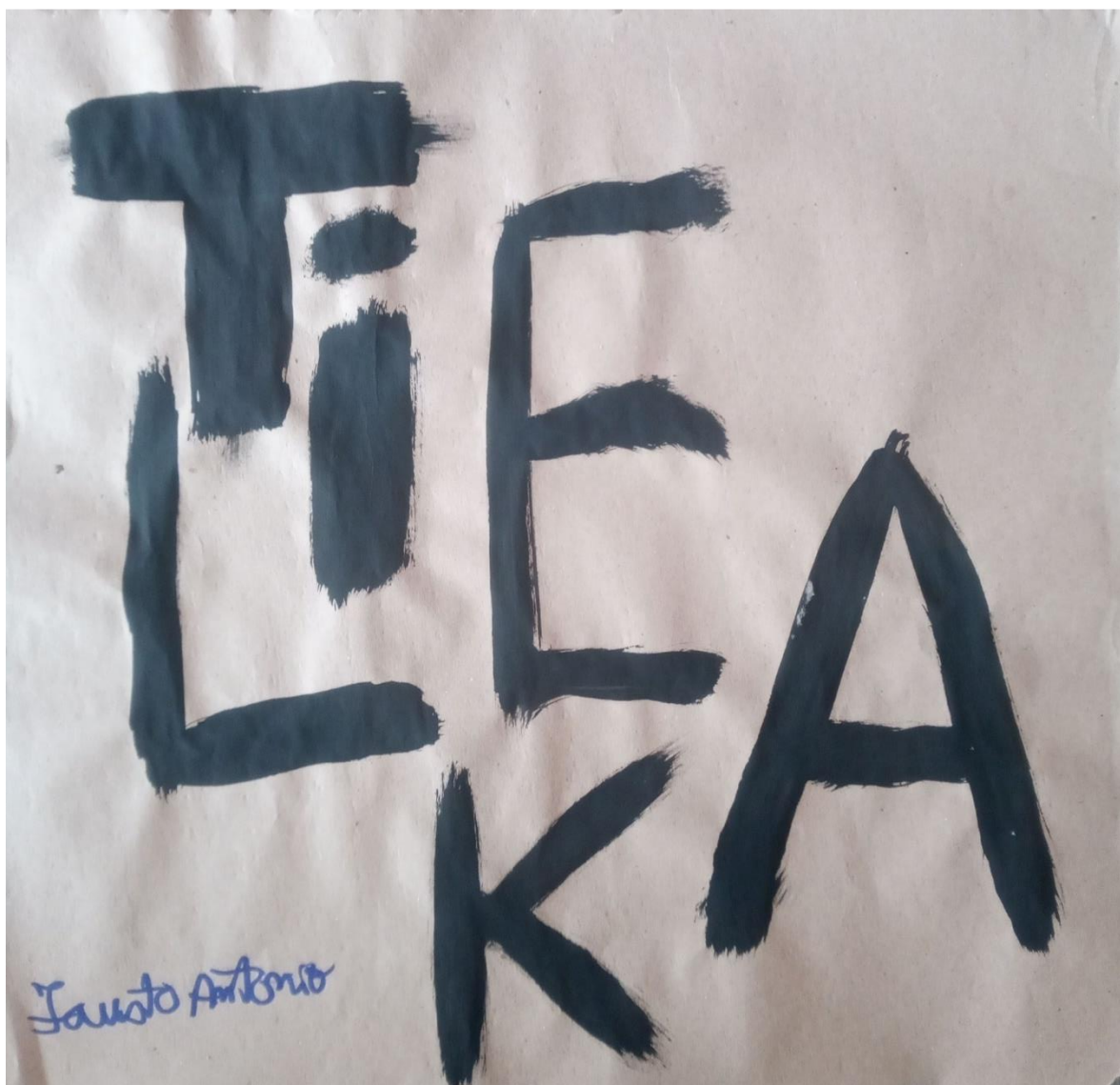
Antenas da Raça

GOFFRO.
MAGICO









Jausto Antonio

PALAVRA
Esquecida

Ilha do Antônio
WAEON

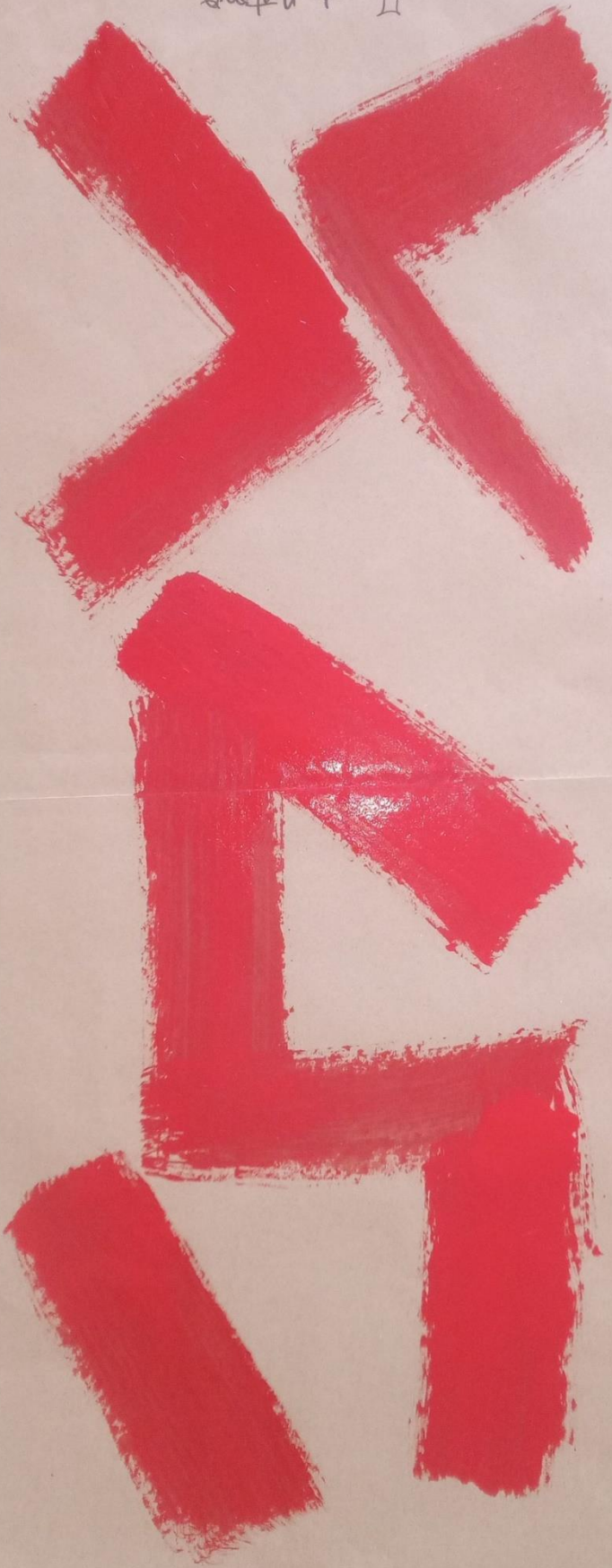
WAEON
Ilha do Antônio

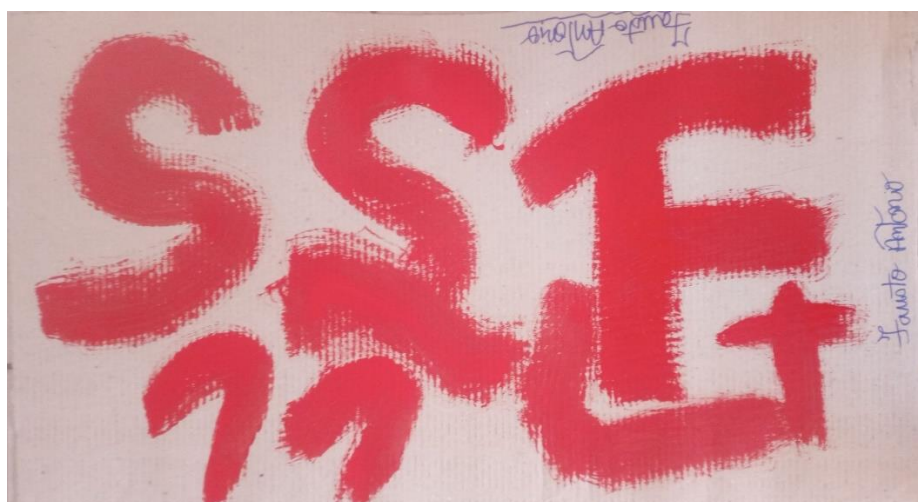
502
R
A
502

Fausto Antonio



Jaakko Anttonen





Patuá (in) verso

Gera sol negro

O negro gera sol de carvão,
lábua acordada pelo sangue,
girassol negro de bocas
abertas pelo risco ;
riso escuro de carvão,
escuro riso de ira;
escura ira no gera sol,
gira sal , sol escasso,
comido pela raiz negra,
que nasce na luz que o negro-
nuvem; lábia de chuva escura,
deixa o claro tão-somente luz,
no todo negro que o corpo funda
em densa massa escura .

Tempo-Boca

O tempo era a boca.
A boca a voz eterna.
O eterno a boca-útero.
O útero a caverna-barro;
sem tempo, Eva do amavisse
sexo adâmico; aquela voz
vaníssima , vida e morte
sem-tempo, que ressoa
eternamente nas bocas
de saliva e urina que ressoam
ancestralmente aquém e além
das bocas, que exumem o limbo,
pedra do tempo e do sem-tempo.

Rei Velado

O oculto Rei-velado;

Palavra esquecida

Silêncio além desse sinal,

sino erguido, voz subterrânea,

o oculto é apenas um véu,

seda finíssima que não suporta o olhar,

fogo do amor. A criação, o oculto

sol-velado, é serpente viva,

Éter-Eterno, fogo e fogo!

Gavita

Entre , Gavita, hão há tiras,
laços e vigas no labirinto.

Entre, toque no escuro;
com a boca que espuma,
o coração, porta que abro,
preta nuvem de segredo;
mansa chuva.

Entre, amor, não há portas;
apenas um sino na entrada,
som sem ferrugem, sem tempo;
sol negro no azul do silêncio!

Entre, há aqui o corpo
negro de outras eras;
não como era, mas em carne e fogo!

Margem alheia

O amor, oculta margem alheia,
de quem à margem anseia
a oculta margem da imagem sua;
na boca, que revela a língua nua.

Há água, à margem, que revela
na lábia o outro lábio que deseja,
sente e há de, sem margem, beijar
e nos braços inteira se afogar

em beijo a margem que oculta
o oculto instante de amar
nas margens que no infinito está.

O beijo aproxima a margem.
No instante, miragem de amar,
o beijo revela o oculto risco de amar.

Matracai!

Curz,

Matracai aos ventos e aos ouvidos

O sino do bem , do bom e do belo!

Matracai aos homens e às mulheres

Que nasceu e não é mais oculto o sol

Eterno, que arde e vibra no coração !

Cruz,

Matracai bem alto a liberdade!

Matracai ,

Cruz, mesmo que

a voz branca velada erga

a cruz do Desterro,

lâmina fria do abandono!

Matracai

Bibliografia

ANTONIO, Fausto. *Vinte anos de prosa*. Campinas: Arte Literária, 2006.

_____. Si Ori. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Orgs.). *Cadernos Negros. Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2001, p. 41-49. v. 24.

_____. A escrita e a recepção de si: abismo olhando abismo. Campinas: Revista Limiar – Pós Graduação da PUCC , 2019a.

_____. *No Reino da Carapinha*. São Paulo: Editora Ciclo Contínuo, 2018.

_____. *Patuá de palavras, o (in)verso negro, poesia visual*. Londrina: Galileu Edições, 2019.

_____. *A Máscara falante*. Texto infantil Londrina: Galileu Edições, 2020.

_____. Negras práticas pedagógicas e epistêmicas: A centralidade da autoexpressão negra nas artes cênicas. Revista de Humanidades e Letras. ISS 2359-2354 Vol. 3, Nº. 1, Ano 2017.

_____. A cultura negro-africana como chave hermenêutica e conceito para a distinção entre cultura negro-africana de projeção e de ressonância no meu teatro. In: SILVA, Geranilde Costa (Org). *Ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectiva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017b. V. 2.

COELHO, Nelly Novaes. *Escritores brasileiros do século XX: Um testemunho Crítico*. Editora Letra Selvagem. 2013.

_____.Revista Letras, PUCCAMP, 15 (1/2) – 259-274, dezembro de 1996.

NASCIMENTO, Elisa Larkin & GÁ. Luiz Carlos. Adinkra. *Sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas/IPEAFRO, 2009.



*Edição produzida
pela Galileu Edições
Londrina, maio de 2022.*

